

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SECULO



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

## PREDIO RARO



A PORTEIRA:

- O 3.º andar é que está vago. São 100 escudos por mez.
- Só com quatro compartimentos, é carissimo!
- Carissimo, um predio onde se não fabricam bombas?!!



## PALESTRA AMENA

## Dissipadores

Que está tudo caríssimo, pela hora da morte — eis uma verdade que se repete por aí a cada momento e que já enjôa ouvir. Mas outra verdade se diz paralelamente, embora com menos frequência, e vem a ser que ha dinheiro, muito dinheiro, e a prova é que os objectos caros teem quem os compre, quando não embarateceriam.

Ora, n'este «quando não embarateceriam», um arvezado condicional e tudo, é que bate o ponto. O lojista, por exemplo, que tivesse no estabelecimento um objecto pelo qual pedisse rios de dinheiro, e visse passar dias e dias sem que alguém se lhe apresentasse a compra-lo, ou lhe diminuia o preço o uo devolvía ao fabricante, ou ao produtor, com muitos agradecimehtos e a recomendação de que lhe não mandasse mais, ou mandasse mercadoria mais em conta.

Vamos a factos:

Ha dias duas senhoras entraram n'uma loja da Baixa, pediram peles, escolheram e perguntaram ao caixeiro:

— A como são?

— A cento e vinte escudos o metro, respondeu este.

A benevola leitora, que está passando a vista por estas linhas, se um caixeiro tivesse a desfaçatez de pedir tal quantia fugiria a sete pés, ou antes, porque é pessoa de educação, com um sorriso diria que não lhe couvinham as peles.

Pois querem saber o que respondeu uma das referidas senhoras ao rapaz que lhe indicou o preço de cento e vinte mil réis (á antiga, é mais expressivo) o metro?

— Corte-me tres metros.

Outro facto:

N'outro estabelecimento via-se, na vitrine, um chapéu de senhora, com tal ou qual elegancia. Entrou uma fregueza e perguntou:

— Quanto custa aquele chapéu?

Resposta, tambem em dinheiro antigo:

— Um conto de réis.

Escusamos de repetir que a benevola leitora, etc. Pois a tal senhora não se fez rogada: não pediu tres chapéus, como as freguezas das peles tinham pedido tres metros, mas mandou que lhe enviassem o chapéu a casa, onde o conto de réis foi entregue ao portador.

Imagine-se que, na occasião de qualquer das compras que citamos, algum mendigo, isto é, algum funcionario publico, professor, etc. se encontrava no estabelecimento: não se justificaria uma palavra desrespeitosa para quem assim anima a especulação e tira para cima d'um balcão uma quantia que remediaria dezenas de familias durante mezes?

As pessoas que d'esse modo gastam estão, evidentemente, no seu direito; mas tambem nós estamos no direito de

dizer estas coisas e de aplaudir os ministros que sobretaxam os objectos de luxo, sendo apenas de lamentar que não vão mais longe: que não decretem uma fiscalisação ambulante, para fazer pagar pesados impostos ás damas que passeiam com peles de cento e vinte escudos o metro e chapéus de mil escudos.

... A apostar que ás tais compradoras nunca passou pela cabeça que o seu acto poderia ter consequencias prejudiciaes? Não, decerto. Estão, porém, a tempo de se emendarem e até de fundarem uma associação cujo fim fosse obrigar os socios a vestirem modestamente, tanto mais quanto mais ricos forem. «Para rosas bastam rosas» dizia o saudoso Tomaz Ribeiro, se não estamos em erro, com uma galanteria que se podia ter no tempo em que o bacalhau era a seis vintens o quilo...

J. Neutral.

DE FÓRA

## Recomposição



Lá deltaste umas tombas, Sá Cardoso. Na bota do governo, que te aperta. Mas é como um batel com agua aberta. De mais a mais n'um mar tempestuoso.

E's sem a menor duvida, gelitoso. E até, segundo consta, um tanto esperto. Vias não pode durar um tal concerto. Remendo em cabedal defeituoso.

Poucas passadas dá: não se aguenta: Cal-lhe o pódre tação, a gaspla estala. O contra-forte cede, o mais rebenta

E o peor d'isso tudo, o que me rala, Ao ver como essa bota se apresenta. E' que tenho tambem de descalça-la!

Zé Encravado.

## "Franciú"

Um valente grupo de jovens monarchicos mandou ao sr. D. Manuel de Bragança, por occasião do Ano-bom, um telegrama de boas festas, em *franciú* — não tenha sua ex-majestade esquecido a lingua materna.

Mas o melhor não é isso. O melhor é que o telegrama desejava mil venturas em «*le nouvel année*».

Era assim que se ficava antigamente chumbado em francês, no 1.º ano dos liceus.

## Ofensas á moral

A policia forneceu á imprensa uma estatistica, deveras curiosa, das prisões efectuadas em virtude de varios delictos que até ha pouco tempo não eram castigados, figurando tais delictos por centenas, em geral: quanto ás ofensas á moral, na lista, que abrange um longo periodo de tempo, vê-se que em Lisboa apenas houve... 6 casos.

Os senhores teem ouvido, por exemplo, as respostas que as excellentis-



simas varinas dão ás pessoas que lhes oferecem pelo peixe menos dinheiro do que o que elas pedem?

Teem, decerto. Pois bem: como esses casos são aos milhares em cada dia, está claro que não foram julgados offensivos da moral.

Teem visto, a cada passo, cidadãos encostados ás esquinas, de costas voltadas para o publico — quando não estão de frente — repuxarem sem nenhuma cerimonia? Teem. Pois isso tambem não é considerado imoral.

Teem ouvido as exclamações com que os senhores carroceiros incitam as bestas a puxar? Teem. São palavras que não ferem os ouvidos.

Que tais seriam os seis casos para que a policia os julgasse offensivos da moral!

## Correspondencia

P. Alvares—A «Torre de Chifre» é para versos maus. Ora, os que nos enviou teem qualidades apreciaveis e não devem figurar em tal secção. Faça melhor conceito de si proprio.

G. P.—A imitação nefelibatica é, efectivamente, engraçadissima. Ela ai vai:

...Castevas, Anadéis  
Infancoens, nédios Bispos, Menestrels,  
almafros, cetras, bolsos, alfarazes,  
cavaleiros marcados de givazes!  
O' fulgido preterito!

Hoje 'rrral Iridda Rua da Irriidã!  
E'squalida e clownica prociissão,  
torpe bando de só brandos dandys pan-  
dos,  
bebados de brandys, liquidos nefandos,  
alcateas surrada de mancipios,  
consciencias sem fé e sem principios,  
Vejo-os passar sob o docel dos Astros,  
vii, asthenica pró'e desses Castros,  
parvulos frutos pécios,  
de Inciltos Albuquerquees e Pachecos...

E no meu Pello, safaro calvario,

só cresce um cardeio lillo solitario:

A Saudade! a Saudade!

A Incongrrua Saudade d'Outra Edade...

**Herdeiros**

Afinal o sr. D. Manuel de Bragança resolveu-se a indicar herdeiro, segundo resam as folhas bem informadas, que nos dão a notícia secamente, como se acontecimento de tal magnitude não merecesse descrição pormenorizada. Infelizmente as dimensões actuais do *Seculo Comico* não permitem também que sejamos extensos; no entanto, contemos um pouco mais do que os colegas serios contaram.

A resolução foi tomada de acordo entre os dois conjuges.

Ele:

—A rapaziada fina da minha terra quer que eu indique um herdeiro. Que dizes?

Ela, submissa:

—Faça-se em mim a vontade do Senhor.

Ele:

—A minha vontade é que me dêes o herdeiro pedido. Dás ou não?

Ela:

—Bem vêes que eu sósinha...

Ele:

—Pois comigo não contes.

Ela:

—Então com quem?



Aqui seguiram-se alguns pormenores de caracter privado, que não devemos revelar, e por fim D. Manuel propoz:

—Bota-se anuncio no *Times*.

Ela:

—Boa idéa.

E redigiram o seguinte anuncio, publicado no dia seguinte:

«**Criança.**—Precisa-se que não tenha quem a procure, para serviço de fóra. Não se trata com intermediários».

Vamos a vêr quem foi o ingenuo que caiu na arrioscia.

**Problema da habitação**

Como não ha casas para alugar em Lisboa, vá de consultar varias pessoas sobre a causa do fenomeno e sobre o remedio a dar-lhe. Pois então, lá vai também a nossa sentença.

Quanto á causa parece-nos não haver a menor duvida que é a seguinte: existem na capital mais pessoas do que casas.

Bom. Agora quanto á maneira de resolver o problema, eis o que nos occur-

**EM FOCO***Antonio Maria da Silva*

*Ora vamos a ver, seu financeiro,  
Como vem a safar-se da rascada;  
Provavelmente, bem, que a taboada  
Faz parte da ciencia de engenheiro.*

*Mas — permita a pergunta d'um parceiro  
Que em fazendo uma soma sai-lhe errada —*

*Como é que poderá tirar do nada,  
Por mais voltas que dê, algum dinheiro ?*

*Como agora ninguém por mero gosto  
Tão difficil missão decerto aceita,  
Projeto de maior terá disposto...*

*Se não, quer um conselho d'esta feita ?  
Cobre dos tolos um pequeno imposto  
E tem uma grandissima receita.*

**BELMIRO.**

re: utilizar os predios que estiverem deshabitados.

—Então ha predios n'esses casos? interrogará o leitor, exclamativamente.

Ha, sim senhor: os teatros, as egrejas, os museus, as repartições publicas, etc., etc. Tudo isto são casas onde permanecem durante pouco tempo as pessoas que as frequentam, não é assim? Então, cedam-se durante o resto do tempo ás que não tem onde se acoitarem e tudo se harmonizará.

Exemplo: das 11 horas ás 17 os empregados do Estado vão trabalhar (os que vão) para as repartições publicas. Das 17 até ás 11 do dia seguinte entreguem-se ás pessoas que precisem de casa, as quais sairão a passeio durante as 6 horas do expediente burocratico.

Nada mais simples.

**Abertura de S. Carlos**

Notas dos nossos *reporters* das cronicas elegantes.

Um velho frequentador do teatro lirico, para o Menezes, que enriqueceu em 6 meses a açambarcar arroz:

—Que prefere você? Soprano ou contralto?

O Menezes, convicto:

—Para mim não ha nada como uma bôa bifalhada!

Na plateia, binoculando os decotes das frisas. Um mancebo, para o visinho:

—Repara para a X., aquela americana, ali, á direita...

—Que linda!

—E' a mulher mais formosa dos dois hemisferios!

—E os dois hemisferios mais formosos da mulher!

O Soares, novo-rico, e a esposa preparam-se para ir para S. Carlos.

Ela:

—O' Soares: no jornal vem que se



representa hoje a *Thais*. Como se lê? Carrega-se no *a* ou no *i*?

—No *i*, minha tonta. Lê-se *Táis*... E' uma acrobata qualquer...

N'um club, depois do teatro. Abancam dois assintantes, que são abordados por um deputado. O deputado:

—Então, vocês veem de S. Carlos? que tal?

—Bem.

—Cantou-se a *Portuguesa*?

**Livros, livrinhos e livrecos**

*Almanaque dos palcos e salas, para 1920* — Entrou no seu 32.º ano este interessante livrinho, inteligentemente coordenado pelo nosso Arnaldo Bordalo. Este não desmorece da fama dos anteriores. Leiam e verão que hão-de gostar.

# Explicação natural



O POLICIA, PARA O «CHAUFFEUR»:

- Então assim se atropela um desgraçado? Você não reparou?
- Reparei, sim, sr. guarda, mas não vê pelo letreiro que o automovel anda em experiencia?
- E então?
- Anda a experimentar se passando por cima das pessoas elas ficam vivas ou não...